
José das Candeias Sales e Susana Mota

A Agência Radio de Alejo Carrera Muñoz: contributos para a história das agências de notícias em Portugal (anos 20 e 30 do séc. XX)

A Agência Radio de Alejo Carrera Muñoz: contributos para a história das agências de notícias em Portugal (anos 20 e 30 do séc. XX)

Agência Radio of Alejo Carrera Muñoz: contributions to the history of news agencies in Portugal (the 20s and the 30s of the twentieth century)

José das Candeias Sales (Universidade Aberta, Centro de História da Universidade de Lisboa – CHUL)

jose.sales@uab.pt

Susana Mota (CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores)

susana-mota@hotmail.com

Resumo

No âmbito de uma investigação na área da Recepção da Antiguidade em Portugal, dedicada à identificação, recolha e análise das notícias e artigos sobre a descoberta do túmulo do faraó Tutankhamon publicados entre 1922 e 1939 nos jornais e revistas nacionais, deparámo-nos com a necessidade de conhecer, de forma aprofundada, a realidade da imprensa portuguesa nas décadas de 20 e de 30 do século passado.

Tendo por objectivo determinar a forma como os eventos que ocorriam no Egito, mais concretamente no Vale dos Reis, em Luxor ocidental, chegavam aos jornais e às revistas em Portugal, embrenhámo-nos na análise do funcionamento das agências de notícias ou agências telegráficas, como também eram chamadas, com especial interesse pelas agências com que os jornais portugueses trabalhavam. Neste contexto, encarámos com a *Agência Radio* e com a figura do jornalista e empresário galego Alejo Carrera Muñoz.

Foi esta agência, dirigida por aquele, que forneceu aos jornais portugueses no período considerado o maior número de notícias telegráficas sobre a descoberta do túmulo de Tutankhamon. Este facto chamou-nos a atenção, por um lado, porque na bibliografia existente é assumido que a única agência telegráfica com a qual a imprensa portuguesa trabalhava na altura era a *Havas* e, por outro, porque a possibilidade de a *Agência Radio* ser uma agência

portuguesa conflitua com a ideia de que a primeira agência nacional, a *Lusitânia*, data de 1944.

Pretendemos, assim, demonstrar a relevância da *Agência Radio*, principalmente na década de 20 do século XX, reconstituir a sua história e tentar desvendar a sua verdadeira natureza.

Palavras-chave: Tutankhamon; Imprensa portuguesa; Agências de notícias; *Agência Radio*; Alejo Carrera Muñoz.

Abstract

During an investigation in the field of the Reception of the Antiquity in Portugal, dedicated to the identification, collection and analysis of news and articles related to the discovery of the tomb of the pharaoh Tutankhamun published between 1922 and 1939 in national newspapers and magazines, we stumbled upon the need of knowing, in depth, the reality of the Portuguese press in the 20s and 30s of the past century.

Having as a goal to determine the way in which the events that occurred in Egypt, specifically in the Valley of the Kings, in Western Luxor, arrived at the newspapers and magazines in Portugal, we wrapped ourselves up in the analysis of the functioning of the news agencies or telegraphic agencies, as they were also called, with special interest in the agencies with which the Portuguese newspapers worked. In this context, we found *Agência Radio* and the figure of the Galician journalist and businessman Alejo Carrera Muñoz.

It was this agency, directed by him, that gave to the Portuguese newspapers, in the considered period, the largest number of telegraphic news about the discovery of the tomb of Tutankhamun. This fact interested us because, in one hand, in the existent bibliography it is assumed that the only telegraphic agency with which the Portuguese press worked at the time was *Havas* and, on the other hand, the possibility of *Agência Radio* being, in fact, a Portuguese agency conflicts with the idea that the first national agency, *Lusitânia*, dates from 1944.

We intend, therefore, to show the relevance of *Agência Radio*, especially in the 20s of the twentieth century, to rebuild its history and to try to uncover its true nature.

Key words: Tutankhamun; Portuguese press; News agencies; *agência Radio*; Alejo Carrera Muñoz.

A 4 de Novembro de 1922, Howard Carter (1874-1939)¹, financiado por George Edward Stanhope Molyneux Herbert (1866-1923), mais conhecido por Lord Carnarvon, descobriu, ao fim de anos de pesquisas, no Vale dos Reis (Tebas, Egipto), o túmulo (KV62) do faraó

¹ Howard Carter foi, em 1899, o primeiro inspector-chefe do Serviço das Antiguidades Egípcias, cargo que já não exercia quando, em 1907, foi contratado por Lord Carnarvon para supervisionar as escavações que este financiava no Egipto. Foi justamente ao seu serviço que, a 4 de novembro de 1922, encontrou os 15 degraus que levariam à descoberta do túmulo do jovem faraó egípcio.

Tutankhamon (1333-1323 a.C.)², com os selos intactos. Esta “maravilhosa descoberta no Vale”³, que resultou em 10 anos de trabalhos de escavação e na descoberta de milhares de artefactos (mais de 5000)⁴, foi noticiada pela imprensa de todo o mundo, de forma inusitada e sem precedentes, tornando o nome do praticamente incógnito faraó do Império Novo⁵ e dos principais intervenientes na descoberta sobejamente conhecidos de milhões de leitores. Por força da extensa cobertura da imprensa, um dos menos conhecidos faraós do Império Novo e Howard Carter, um arqueólogo sem créditos firmados, passaram, literalmente de um dia para o outro, da obscuridade para as páginas dos jornais, tornando-se ambos sinónimos apontados e reconhecidos para “faraó” e “arqueólogo”.

Tendo por objectivo identificar e caracterizar a forma como este assunto foi tratado pela imprensa portuguesa da época demos início, em Janeiro de 2016, a um projecto de investigação intitulado “*Tutankhamon em Portugal. Relatos na imprensa portuguesa (1922-1939)*”. Definimos como balizas cronológicas os anos de 1922 e de 1939. A primeira data decorre, obviamente, do momento específico da descoberta e início da escavação do túmulo e da consequente disseminação da informação. A segunda data assinala, simultaneamente, o ano da morte de Howard Carter e da descoberta de outros túmulos intactos em Tânis (Delta Oriental do Nilo, Egipto), pelo arqueólogo francês Pierre Montet (1855-1966)⁶.

Da pesquisa efectuada⁷ resultou a detecção de cerca de 216 documentos de naturezas distintas – desde simples reproduções de telegramas a artigos de opinião –, sendo que 138 deles (64%) são textos provenientes de agências de notícias. No período de 17 anos em causa, destacam-se os anos de 1923 e 1924 pelo número de notícias publicado (cerca de 194 das 216), sendo que cerca de 90% destas são notícias de agência.

Foi, portanto, no âmbito deste projecto que surgiu a necessidade de conhecer, de forma aprofundada, a realidade da imprensa portuguesa no anos 20 do século XX e principalmente as agências de notícias ou agências telegráficas, como também eram chamadas, com as quais os jornais portugueses trabalhavam no período estabelecido.

O recurso à bibliografia existente sobre o assunto confrontou-nos com uma realidade aparentemente bastante singela: a agência telegráfica estrangeira com a qual os jornais

² Tutankhamon foi o 12º faraó da XVIII Dinastia do Império Novo que governou o Egipto durante cerca de 10 anos, tendo subido ao trono ainda criança (talvez com 8 anos) e morrido ainda antes de chegar aos 20 anos.

³ A expressão é retirada do telegrama que Howard Carter enviou a Lord Carnarvon dando-lhe conta da descoberta: “*At last we have made a wonderful discovery in the valley, a magnificent tomb with seals intact, recovered and waiting for your arrival. Congratulations.*” (Reeves, 2000:160; Hawass, 2006: 107)

⁴ A maioria encontra-se exposta em várias salas do primeiro andar do Museu Egípcio do Cairo.

⁵ Período da história do antigo Egipto situado entre cerca de 1550 e 1069 a.C., composto pelas XVIII, XIX e XX dinastias da monarquia egípcia.

⁶ Pierre Montet descobriu vários túmulos intactos das XXI e XXII dinastias (III Período Intermediário).

⁷ Foram consultados jornais e revistas presencialmente na Biblioteca Nacional (BN) e na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC) e *online* nos websites da Hemeroteca Municipal de Lisboa, da Fundação Mário Soares, da BN e da BGUC.

portugueses trabalhavam era a agência *Havas*⁸, a quem coube, depois do acordo com as outras agências mundiais – *Reuter*, *Associated Press* e *Wolff* –, o domínio sobre o território português⁹ e não existiu, até 1944, com a criação da *Lusitânia* por Luís Caldeira Lupi, uma agência de notícias portuguesa (Batista, 2007: 47; Miranda, 2014; Silva, 2002: 3).

No entanto, quando confrontámos estas ideias com os dados reunidos no âmbito do nosso projecto de base, as informações não se conjugam e algumas questões se levantam de imediato. Desde logo, nos 138 textos do nosso *corpus* identificados como notícias provenientes de agências noticiosas, podemos reconhecer e contabilizar várias agências a funcionar em Portugal no período entre 1922 e 1939:

		Identificação da origem da notícia ¹⁰							Total por ano	
		Radio (R.)	Lusitânia ¹¹ (L.)	Havas (H.)	DNB	Reuter	Não Identificada	Especial ¹²		"Século" ¹²
Ano de publicação	1922	1	-	-	-	-	-	-	-	1
	1923	40	-	5	-	-	11	1	3	60
	1924	18	33	3	-	-	7	-	4	65
	1925	2	1	-	-	-	1	-	-	4
	1939	-	-	4	3	1	-	-	-	8
Total por agência		61	34	12	3	1	19	1	7	138

Tabela 1: Identificação e contabilização das agências telegráficas presentes no *corpus* de notícias sobre a descoberta do túmulo de Tutankhamon nos jornais portugueses.

Pela Tabela 1, fica claro que a agência que maior número de notícias forneceu aos jornais portugueses sobre a descoberta e escavação do túmulo de Tutankhamon foi a *Agência Radio* (61 em 138 – 44%). Assim, no âmbito do nosso interesse em perceber a origem das notícias

⁸ Os primeiros despachos informativos da *Havas* chegaram a Portugal, ao jornal *Diário de Notícias*, em 1866, mais concretamente a 10 de Março de 1866. Em Portugal, a *Havas* estava sediada na Casa Havaneza, no Chiado, em Lisboa, naquela que é actualmente a mais antiga tabacaria de Lisboa.

⁹ A primeira versão deste acordo foi assinada em 1859 (Unesco, 1953: 18-19).

¹⁰ A contabilização das agências apresentada na Tabela 1 é feita com base na informação que era colocada no final da notícia, que tanto podia aparecer por extenso, isto é, escrevendo o nome da agência, como usando apenas a primeira letra. De notar que nem sempre esta informação é colocada. Alguns jornais, como, por exemplo, *O Comércio do Porto*, raramente o fazem. Neste caso, na Tabela 1, estas notícias são contabilizadas na coluna com a menção "Não identificada".

¹¹ De notar que a *Lusitânia* aqui identificada não é a já referida "primeira" agência de notícias portuguesa. Esta *Lusitânia*, que em muitos momentos vai disputar a primazia com a *Havas* e a *Radio*, é um serviço de fornecimento de notícias aos jornais portugueses que identificamos a partir de Agosto de 1923, mas cuja natureza desconhecemos. A sua existência não é identificada na bibliografia sobre o tema e não nos foi ainda possível reconstituir a sua história.

¹² Teoricamente, o 'Especial' seria usado nos telegramas que eram enviados, em especial, para determinado cliente (Crato, 1992: 99). No caso de *O Século*, um grande número de textos aparece como sendo do próprio jornal com a indicação "(Século)". Na verdade, considerando exemplos reunidos no nosso *corpus*, percebemos que tanto no caso das notícias identificadas com "(Século)" como com o "(Especial)", se compararmos estas notícias com outras publicadas noutros jornais a diferença é pouca, se é que chega a existir.

que foram publicadas, enveredámos por uma investigação paralela visando identificar esta agência não referida pela bibliografia e posicioná-la no conjunto das agências de notícias que actuaram em Portugal. Para complementar os dados apurados, optámos por consultar os jornais portugueses publicados na época, de modo a encontrar resposta para um conjunto de questões: qual a origem desta agência? Quando, onde e por quem foi fundada? Quando começou a aparecer nos jornais portugueses? Qual o peso que as suas notícias tinham no conjunto do que era publicado? Qual a história desta agência no nosso país?

Antes de mais, tentámos perceber se a predominância identificada no nosso *corpus* era igualmente perceptível noutros contextos. Para tal consultámos alguns jornais com vista a contabilizar neles a presença da *Agência Radio*.

É preciso esclarecer que no conjunto das 28 publicações com que trabalhamos no nosso projecto¹³, 24 são jornais que publicavam notícias de agência e cuja relação com a *Agência Radio* é a seguinte:

- 12 identificam (por extenso ou só com a letra 'R.')
- 5 habitualmente não identificam as agências, mas onde, por comparação, podemos identificar notícias fornecidas pela *Radio*: *Comércio do Porto*, *Comércio do Porto – Edição da tarde*, *O Mundo*, *Jornal de Notícias* e *O Rebate*;
- *A Tarde* trabalhou regulamente com a *Radio* mas, curiosamente, não publicou nenhuma notícia desta agência sobre a descoberta do túmulo do faraó egípcio;
- *A Republica (Série I)* não tem qualquer notícia da *Radio* sobre a descoberta, mas sabemos que no ano de 1920 foi cliente desta agência. Antes disso, o jornal não identificava as agências com que trabalhava. O ano de 1921 não está acessível a consulta e a partir de 1922 a *Radio* deixa de aparecer;
- *A Imprensa Nova* trabalhou com a *Radio* até Janeiro de 1923, mas, depois, deixou de o fazer devido a desavenças com o seu director;
- *O Diário da Manhã* e *A Republica (Série II)* não terão usado os serviços da *Radio*, pois o início da sua publicação – 1931 e 1930, respectivamente – corresponde a um período em que a *Agência Radio* já não é identificada, como veremos.
- Em *A Pátria* e em *O Dia* não foram identificadas notícias da *Radio* sobre a descoberta no Egipto. Em ambos os casos, devido ao mau estado dos exemplares e irregularidade das publicações, não é possível verificar se, tal como *A Tarde* e *A Republica (Série I)*, usaram esta agência noutros períodos e/ou sobre outras temáticas.

Vejamos com mais detalhe a relação de alguns jornais com a *Agência Radio*. Começamos por apresentar na Tabela 2 um levantamento conjunto de dois jornais: o *Diário de Lisboa*¹⁴ e *A*

¹³ Foram consideradas publicações – jornais e revistas – editadas regularmente na totalidade ou em parte do período de tempo compreendido entre Novembro de 1922 e Abril de 1939.

*Capital*¹⁵. Ambos foram publicados de forma regular no período em análise e estão disponíveis *online*, o que muito facilita o tipo de consulta necessária e pretendida. As datas consideradas têm em conta o início da publicação do *Diário de Lisboa* e o fim da publicação regular de *A Capital*. A contabilização das notícias cuja agência aparece identificada foi, por opção nossa, feita nos dois jornais em dois meses de cada ano: Abril¹⁶ e Agosto de 1921 e Janeiro e Agosto dos anos seguintes. Neste caso, o objectivo foi perceber, essencialmente, quais as agências que estavam presentes.

		Havas (H.)	Radio (R.)	Lusitânia (L.)	Latino-Americana (L.A.)	Americana (A.)	United Press (U.P.)
1921	Abril	111	184	---	---	77	---
	Agosto	149	135	---	---	55	143
1922	Janeiro	60	161	---	81	2	63
	Agosto	77	---	---	247	7	---
1923	Janeiro	112	151	---	---	---	---
	Agosto	51	190	40	---	1	---
1924	Janeiro	12	107	83	---	2	---
	Agosto	37	140	249	---	17	---
1925	Janeiro	58	144	189	---	1	---
	Agosto	257	---	179	---	22	---
1926	Janeiro	180	---	161	---	18	---
	Agosto	194	---	47	---	50	---
TOTAL		1298	1212	948	328	252	206

Tabela 2: Contabilização das agências presentes no *Diário de Lisboa* e em *A Capital*.

Como fica claro, a *Havas* contabiliza o maior número de notícias e é também a única presente em todos os meses estudados. Porém, não só é facilmente perceptível a existência de várias outras agências como também que, em muitos períodos, o número de notícias veiculados por

¹⁴ O *Diário de Lisboa* foi um jornal lisboeta, vespertino, publicado regularmente entre 7 de Abril de 1921 e Novembro de 1990. Originariamente republicano, foi um jornal de referência que esteve presente durante um longo período da história do país (Lemos, 2006: 256-260). Este jornal está actual disponível *online* no site da Fundação Mário Soares / Casa Comum: [http://casacomum.org/cc/diario de lisboa/](http://casacomum.org/cc/diario%20de%20lisboa/).

¹⁵ *A Capital - Diário Republicano da Noite* foi um jornal lisboeta, vespertino, publicado regularmente entre 1 de Março 1910 e 27 de Agosto de 1926. A partir desta data, a publicação é esporádica, apenas para preservação de título. Era um jornal, tal como o título indica, republicano, com uma postura assumidamente doutrinária (Lemos, 2006: 158-9). Este jornal está actualmente disponível *online* no site da Hemeroteca Digital: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ACapital/ACapital.HTM>.

¹⁶ Considera-se aqui o mês de Abril e não Janeiro, por ser o primeiro mês em que *O Diário de Lisboa* foi publicado.

essas agências é superior ao da *Havas*. A *Radio*, uma vez mais, tem uma posição de grande destaque: o segundo lugar no total contabilizado e o primeiro no período de coexistência com a *Havas*, entre Abril de 1921 e Janeiro de 1925.

No jornal *A Vanguarda*¹⁷, a primeira notícia da *Agência Radio* é identificada a 24 de Outubro de 1922. Até esta data, as notícias internacionais chegavam, tal como o próprio jornal informa, pelo “serviço telegráfico da *Havas*”. A partir daí percebemos um claro predomínio desta agência. Considere-se a tabela abaixo¹⁸:

		Havas (H.)	Radio (R.)	Americana (A.)	Lusitânia (L.)
1922	Novembro	13	84	—	—
	Dezembro	—	31	—	—
1923	Janeiro	10	58	—	—
	Fevereiro	15	105	—	—
	Março	8	130	7	—
	Abril	17	131	—	—
	Maio	4	90	8	—
	Junho	7	96	10	—
	Julho	1	89	1	—
	Agosto ¹⁹	5	11	—	—
	Setembro	2	30	6	6
	TOTAL		82	855	32

Tabela 3: Contabilização das agências presentes em *A Vanguarda*.

*O Primeiro de Janeiro*²⁰ é um caso diferente. Neste jornal, a *Radio* começa a aparecer de forma regular a partir de Agosto de 1920. No entanto, neste caso, não só nunca se detecta uma clara predominância desta agência, como, a partir de 1923, o jornal identifica a sua secção de notícias internacionais como “Telegramas da *Havas* e da *Americana*”.

Numa lógica oposta, o jornal *A Tarde*²¹ deu, desde Julho de 1919, um lugar de destaque à *Radio*. Até 9 de Julho, com excepção para uma secção chamada ‘serviço especial da *Americana*’, as notícias do estrangeiro não nomeiam a agência. A partir dessa data, o jornal

¹⁷ *A Vanguarda* foi um jornal lisboeta matutino até Dezembro de 1918 e vespertino a partir desta data. Republicano, sidonista, publicado de forma muito irregular entre 1912 e 1929 – a partir de 1925 publica apenas um número anual – (Lemos, 2006: 606-610). Este jornal está disponível *online* no site da Biblioteca Nacional: <http://purl.pt/14330>.

¹⁸ Contabilizámos apenas o ano de 1922, a partir do aparecimento da *Radio*, e os números disponíveis para 1923. A partir desta altura, a publicação deste jornal tornou-se cada vez mais irregular.

¹⁹ Em Agosto foram publicados apenas 3 números e 13 em Setembro.

²⁰ *O Primeiro de Janeiro* foi um jornal matutino do Porto, considerado de informação geral sem tendência política assumida, que se publicou durante 132 anos, entre Dezembro de 1868 e Dezembro de 2000. (Lemos, 2006: 511-517). Está disponível em microfilme na Biblioteca Nacional.

²¹ *A Tarde* foi um jornal lisboeta, matutino, monárquico, católico e sidonista, publicado de forma regular entre Março de 1919 e 1927 (Lemos, 2006: 328-330). Está disponível *online* na rede interna da Biblioteca Nacional: <http://purl.pt/24303>.

identifica, geralmente na última página, uma secção com notícias do estrangeiro chamada "Serviço telegráfico das Agências *Havas*, *Americana* e *Radio*". Entre 1922 e até Agosto de 1923, a secção muda para "Serviço telegráfico das Agências *Havas*, *Latino-Americana* e *Radio*" e, a partir de Agosto de 1923, reduz-se para "Serviço telegráfico das Agências *Havas* e *Radio*". A *Tarde* é, assim, o jornal consultado que primeiro usa, de forma regular, os serviços da *Agência Radio*. Infelizmente, talvez porque o título da secção já alude às empresas em causa, as notícias raramente indicam a agência que as enviou, o que impede a apresentação de uma contabilização semelhante à que foi feita para *A Capital*, o *Diário de Lisboa* e *A Vanguarda*.

Os exemplos apresentados demonstram, de forma inequívoca, que a *Agência Radio* teve um grande peso no fornecimento de notícias internacionais aos jornais portugueses. Mas que agência era esta exactamente? Ela surge no *Anuário Comercial de Portugal*, pela primeira vez, em 1919, listada na secção das agências telegráficas, a par da *Havas* e da *Americana*, tendo como director Alejo Carrera (Imagem 1). Por esta fonte, ficamos a saber que se trataria de uma agência telegráfica, sediada na Praça dos Restauradores, 72, que actuava no nosso país desde 1919.

Agencias telegraphicas

**Agencia Havas, Rua Aurea, 30.
Agencia Americana (Brazil) (serviço telegraphico internacional). Succursal em Lisboa: Rua Antonio Maria Cardoso, 26, **TELEPI**; C 2143; Directora da succursal, Virginia Quaresma.
Agencia Radio (serviço internacional telegraphico), Praça dos Restauradores, 72; Director, Alejo Carrera, **TELEPI**; C 166.**

Imagem 1: *Anuário Comercial de Portugal*, 1919.

Em Portugal existia a convicção – pelo menos para alguns, – de que a *Radio* que entre nós operava era uma sucursal da *Agence Radio*, agência nacional francesa fundada a 4 de Fevereiro de 1916²², sob a direcção de Henri Turot (1865-1920), que viria a encerrar em 1940 (Unesco, 1953: 16).

A presença da *Agência Radio* em Portugal está indissociavelmente ligada ao jornalista e empresário Alejo Carrera Muñoz (1893-1967), um galego fixado em Lisboa desde 1908, que terá sido correspondente da *Agence Radio* durante a Primeira Grande Guerra e que, posteriormente, teria com ela assinado um acordo de representação para Portugal (Paramés,

²² De acordo com Unesco (1953: 142), a *Agence Radio* terá sido fundada em 1918. Contudo, numa notícia publicada a 30 de Novembro de 1917, no jornal francês *Le Matin*, o próprio director informa da data de fundação da agência. Ver <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5723387/f1.item> [Acedido a 18/04/2017].

2013: 144). Assim sendo, depois de uma ligação como correspondente, Carrera ter-se-ia tornado o director da sucursal da *Agence Radio* no nosso país.

Infelizmente, aquilo que à primeira vista parece uma história simples e linear é, na verdade, uma história imbricada, com contornos pouco claros e difíceis de estruturar, que fazem com que a natureza da *Agência Radio* que trabalhava com os jornais portugueses e o próprio papel do seu director Alejo Carrera estejam ainda envoltos em considerável mistério.

Uma notícia de 7 de Abril de 1922, do jornal *A Capital*, é o primeiro elemento que obriga a questionar a veracidade da ligação da *Radio* portuguesa à *Radio* francesa:

Radio. A agencia «Radio» sociedade anonima com o capital de cinco milhões de francos, cuja séde social é em Paris, 42, rua Louis Le Grand, comunica-nos que nenhum laço nem nenhuma relação tem com a agencia «Radio» com séde em Lisboa.

A *Radio* francesa afirma, claramente, não ter qualquer associação com a agência de Alejo Carrera. E esta não será a única vez que o fará, como veremos adiante.

No ano seguinte, a 30 de Janeiro de 1923, o jornal *Imprensa Nova*, no âmbito de uma acesa disputa com Carrera que envolvia acusações de germanofilia e de publicação de notícias difamatórias de Portugal no estrangeiro²³, escrevia:

A Agencia 'Bera' do sr. Alejo Carrera. Rima e é verdade... Em resposta ao que temos aqui escrito da função germanofila da Agencia Radio – que até pelo nome vigariza, pois imitou o da verdadeira Radio, de Paris (...). Esta nossa Radio-bera comprou a agencia 'Méssageries de la Presse', da qual extrai os telegramas, que distribui a bom preço pelos jornais, retendo os periódicos franceses até depois de impingir esses telegramas! (...)

A 9 de Fevereiro, o mesmo jornal repete destemidamente as acusações:

Mais uma vez repetimos que Dom Alejo Academico retem em seu poder os jornais estrangeiros que veem para o nosso país, e que só são distribuídos ás redações 36 horas depois de Don Alejo ter feito o seu jogo germanófilo e financeiro.

Nestes textos, não só a *Imprensa Nova* afirma que a *Radio* de Carrera não era a *Agence Radio* francesa, acusando-a de ter imitado o nome, como afirma não se tratar de uma verdadeira agência de notícias, mas, sim, de uma "agência de recortes". Isto é, de acordo com este

²³ Já em Janeiro e Fevereiro de 1923, acusações semelhantes foram feitas contra Alejo Carrera, sendo que nestas situações o que estava em causa não era o trabalho da *Radio*, mas sim os artigos que ele escrevia enquanto correspondente de jornais espanhóis, como, por exemplo, o *El Sol* de Madrid. Ver *Diário de Notícia* de 24 de Janeiro de 1923, *A Tribuna* de 5 de Fevereiro de 1923 e *A Tarde* de 6 de Fevereiro de 1923.

jornal, a *Radio* portuguesa limitar-se-ia a receber as publicações estrangeiras em Portugal, fazendo depois chegar aos jornais nacionais as notícias por si seleccionadas, ou seja, o serviço da *Radio* não seria um verdadeiro serviço de distribuição de notícias chegadas do estrangeiro por telégrafo.

Esta perspectiva não era, contudo, partilhada por todos os jornais que trabalhavam com a *Radio*. A *Tribuna*, a 27 de Janeiro de 1923, não hesita em identificar Alejo Carrera como “representante de uma empresa estrangeira de informação” e *O Correio da Manhã*, a 7 de Fevereiro de 1923, anuncia:

O director da Agencia Radio em Lisboa, sr. Alejo Carrera, escreveu-nos uma carta em que responde a arguições que lhe tem sido feitas sobre a transmissão de falsas noticias para o estrangeiro e sobre as tendências germanophilas das informações da sua agencia acerca da questão do Ruhr. Da primeira accusação a que o sr. Carrera se refere não nos fizemos echo, o que nos dispensa de nos determos sobre essa parte da sua carta. Quanto ao segundo assumpto, é verdade que n’este jornal se tem falado das insuficiências, inexactidões e deturpações que se notam no serviço das agencias acerca da questão do Ruhr e d’outras. Mas não nos temos referido, n’esse particular, nem especialmente á agencia Radio, nem portanto e muito menos á sua delegação em Lisboa. (...) e o sr. Carrera, pela sua parte, cremos que não faça mais do que transmitir aos jornais portuguezes o veneno que recebe da sede da agencia que representa em Lisboa.

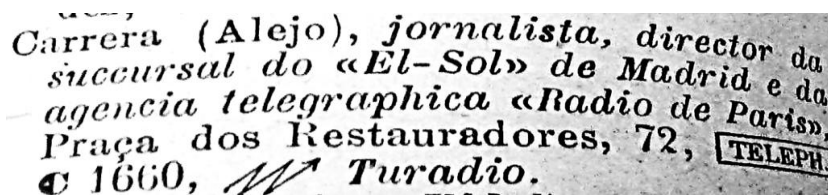
Assim, percebe-se que não havia uma certeza quanto à natureza da *Radio* e à sua relação com a agência homónima de Paris.

Apesar de as acusações de que era alvo, a preocupação de Alejo Carrera parece ter sido sempre a de defender a sua posição em relação a Portugal e o amor que nutria pelo país²⁴, nunca tendo clarificado o trabalho que era prestado pela sua empresa.

Na realidade, o próprio Carrera vai contribuir para adensar as dúvidas existentes. Por um lado, temos a forma como era identificado no *Anuário Comercial de Lisboa*: “director (...) da agencia

²⁴ Ver, por exemplo, o texto publicado pelo jornal *A Pátria*, a 7 de Fevereiro de 1923: “(...)’Errare humanum est’ e eu não pretendo fugir á regra. Mas, caso curioso, há oito anos que sou correspondente dos jornais espanhoes e americanos, nos meus arquivos póde-se verificar que o serviço por mim enviado tende sempre a ser agradável e elogioso para a nação onde vivo, e á qual neste campo, permita-se-me a imodéstia, tenho prestado alguns serviços, e nunca disso se fez reparo. Mas se por acaso, o artigo é menos feliz, se por acaso, raro acaso, se diz qualquer coisa de leve melindre para Portugal, sou logo lançado ás feras por motivos de animosidade pessoal, dando lugar a que jornais com quem mantenho excelentes relações e que são de grande autoridade na opinião publica se façam éco dessas acusações.”.

telegráfica 'Radio de Paris'²⁵." Isto significa que era ele próprio que afirmava que a sua *Radio* era a *Radio* de Paris²⁶.



Carrera (Alejo), jornalista, director da succursal do «El-Sol» de Madrid e da agencia telegraphica «Radio de Paris», Praça dos Restauradores, 72, TELEPH. 1660, Turadio.

Imagem 2: *Anuário Comercial de Portugal*, 1921.

Por outro lado, na Torre do Tombo²⁷ encontra-se uma carta de oferta de serviços enviada por Alejo Carrera, a 1 de Março de 1923, ao Director-Geral do Ministério do Interior, a informar sobre um novo serviço disponibilizado pela sua agência. No cabeçalho do documento, a *Radio* é identificada como "Agencia de informações de todo o mundo", tendo sede em Lisboa e uma sucursal no Porto. Afirma-se também que a *Radio* tem "agências em Madrid, Barcelona, Bilbao, Paris, Bruxelas, Londres, New-York, Washington, Buenos Aires, Rio de Janeiro, Roma, Berlin, Viena, Haya, Berne Stockolm, etc." Depois de uma introdução sobre as exigências de informação do mundo moderno, a carta refere:

A agencia "RADIO" acaba de realizar uma organização especial para fornecimento de recortes de todos os jornais, revistas, etc., de Portugal, Espanha, França, Belgica e Inglaterra. Os governantes que desejam saber todos os dias o que se diz na imprensa estrangeira sobre Portugal; os políticos; os artistas; os escritores; que necessitam ser informados das referencias que os jornais fazem à sua pessoa e às suas obras; os comerciantes; os industriaes; os financeiros; que precisam reunir sobre a sua mesa de trabalho todos os elementos de informação sobre determinado assunto e que lhes não é possível, por falta de material de tempo, folhearem todos os jornais portugueses e estrangeiros e descobrir no labirinto de colunas e colunas de noticias aquelas que lhe interessam directamente podem, assinando este nosso serviço especial, receber directamente, recortados e colocados em folhas, onde está designado o nome do jornal, cidade onde se publica e data de publicação dessas mesmas notícias. Para realizar este serviço a Agencia "RADIO" contratou um especialista deste género e numeroso pessoal encarregado de examinarem todos os jornais e revistas que se editam em Portugal e nos países estrangeiros já citados.

²⁵ A partir de 1924 deixa de ser referida a ligação a Paris, passando Carrera apenas a apresentar-se como director da *Agência Radio*.

²⁶ De notar que as informações publicadas no *Anuário* não eram de cariz oficial, mas sim textos cujo conteúdo era fornecido pelo próprio anunciante. Os dados retirados do *Anuário* sobre a *Radio* correspondem, portanto, a informações fornecidas pelo próprio Alejo Carrera Muñoz.

²⁷ Documento com o código de referência: PT/TT/MI-SG/9-5/128 - Ministério do Interior, Secretaria-Geral, mç. 328, lv. 5, n.º 69 (<http://digitalq.arquivos.pt/details?id=4370804>).

Esta oferta de serviços da *Radio* levanta a questão: estaria a agência a estender a privados (políticos, artistas, empresários...) o mesmo tipo de serviços que já prestava, de forma menos explícita, aos jornais, ou acrescentou agora ao seu trabalho de agência telegráfica um serviço de recortes?

Esta incerteza em torno da verdadeira natureza da *Agência Radio*, que tem início com a notícia de *A Capital* de 1922 e que depois se amplia com o sucedido no início de 1923, não teve efeitos práticos na relação da mesma com os jornais nacionais. Na verdade, no levantamento realizado, os anos de 1923 e 1924 são aqueles em que a sua actuação é mais visível. No entanto, em 1925, Alejo Carrera Muñoz volta a ser notícia nos jornais e novamente a *Agência Radio* é posta em causa.

Após a Revolução de 18 de Abril de 1925²⁸, Alejo Carrera foi preso. O jornal *A Tarde*, a 25 de Abril, explica detalhadamente as acusações que lhe foram feitas:

Continua rigorosamente incomunicável numa esquadra de polícia o director da agencia 'Radio', o súbdito espanhol sr. Alejo Carrera, acusado de ter enviado para os jornais estrangeiros, de que é correspondente, notícias falsas e tendenciosas. (...) Se se provar a acusação feita contra o sr. Carrera é intenção do governo expulsá-lo do país. Há tempos o sr. Carrera esteve para ser alvo dessa medida por igual motivo.

A P.S.E. tem informações de que o sr. Carrera remetia notícias, por um próprio, para Elvas e Badajoz, donde eram transmitidas pelo telégrafo para Madrid. (...)

No seguimento desta acusação, Alejo Carrera foi expulso de Portugal, em meados de Junho de 1925. Recorrendo a três documentos que integram o processo de Carrera no Arquivo Histórico-Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros, é possível acompanhar o desenvolvimento e desenlace do caso²⁹.

Uma carta datada de 17 de Junho de 1925, remetida pelo Ministério do Interior, Repartição de Segurança Publica, ao Sr. Director-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos, informa o Ministro do Interior que Alejo Carrera Muñoz deve ser "*imediatamente mandado pôr na fronteira*" e "*oficie-se ao Conselho da Ordem de S. Tiago lembrando a conveniência de ser dela retirado.*"³⁰ A 29 de Setembro de 1925, Alejo Carrera envia, por seu turno, uma carta ao Ministro dos Negócios Estrangeiros por intermédio do Consulado de Portugal em Vigo,

²⁸ Revolta militar contra o Governo, por iniciativa de monárquicos e nacionalistas. Lideram-na Filomeno da Câmara, Sinel de Cordes e Raul Esteves. Foi declarado o estado de sítio e a censura à imprensa.

²⁹CÓD. REFERÊNCIA: PT/AHD/3/MNE-SE-DNPEC/DGNPD-RNP/028/000002 - TÍTULO: Movimento revolucionário em Lisboa. Prisão e expulsão de Alejo Carrera __Proc.66; 103 (353,2 do CF da RNP até anos 30) (75450)

³⁰ Alejo Carrera foi condecorado com o grau de Oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada, a 29 de Março de 1919, pelo Presidente da República Portuguesa João do Canto e Castro Silva Antunes Júnior (Quinto presidente da Primeira República). Esta Ordem tinha por fim distinguir o mérito literário, científico e artístico de cidadãos nacionais ou estrangeiros.

recordando a sua acusação e subsequente expulsão, mas também que a sua vida pessoal e profissional estava sediada em Lisboa, solicitando que a sua situação, na sequência da carta enviada pelo Director da *Agence Radio* de Paris, fosse revista:

Monsieur le Ministre, Comme suite à notre conversation à ce propos, j'ai l'honneur, à la demande du Directeur de l'Agence Télégraphique Radio, 32 Rue Louis-le-Grand à Paris, de porter, à toutes fins utiles, ce qui suit à la connaissance de votre Excellence.

M. Carrera dirigeait à Lisbonne une agence qu'il appelait 'Agence Radio' comme la nôtre mais qui, ainsi que je l'avais annoncé dans les journaux portugais, n'a rien de commun avec la mienne. Or, M. Carrera m'expose qu'il a été emprisonné et expulsé parcequ'on l'aurait rendu responsable d'une dépêche publiée par l'Agence Radio de Paris annonçant au mois d'Avril dernier un mouvement révolutionnaire à Lisbonne. C'est pour moi un devoir de conscience que de déclarer, puisqu'il me le demande, que M. Carrera n'est pas le correspondant de l'Agence Radio de Paris et n'est pas l'expéditeur de cette dépêche. (...)

Este último documento vem, de novo, independentemente da motivação da sua elaboração, recolocar a dúvida em torno da *Radio*. Por um lado, Alejo Carrera foi expulso de Portugal, pois achava-se que teria sido através da sua relação com a *Radio* de Paris que haviam sido publicadas no estrangeiro notícias tidas como difamatórias do ocorrido a 18 de Abril em Portugal, por outro lado, o próprio director da *Agence Radio* vem, reiteradamente, demarcar-se totalmente da *Agência Radio* de Lisboa, afirmando não haver qualquer relação entre as duas agências.

Contudo, a incerteza das informações não fica por aqui. Se, recorrendo uma vez mais ao *Anuário Comercial*, recuarmos no tempo e abrirmos o espectro da investigação, podemos adicionar mais dados curiosos. Na notícia que citámos antes da *Imprensa Nova* de 30 de Janeiro de 1923, afirma-se: "*Esta nossa radio-bera comprou a agencia 'Mèssageries de la Presse' (...)*". Esta empresa, a *Mèssageries de la Presse Française*, aparece, em 1919, listada no *Anuário Comercial*, na secção de "*Agências de publicações e jornais estrangeiros*", como estando sediada na Rua Áurea, nº 146, 1º Lisboa (Imagem 3). Este pormenor nada teria de extraordinário se não fosse o facto de, em 1921, o mesmo *Anuário* apresentar, na secção das "*Agências de anúncios*", um anúncio à *Agência Radio* que aí se apresenta não na sua função primordial de agência telegráfica (o que fará na secção respectiva), mas com outro tipo de serviço: anúncios, reclames e propaganda comercial (Imagem 4)³¹. De notar que este departamento da *Agência Radio* fica sediada na Rua Áurea, nº 146, 1º Lisboa, ou seja, na

³¹ O facto de a *Radio* ter este tipo de serviço não é, à partida, definidor da sua natureza, pois a *Havas*, que era efectivamente uma agência de notícias, também divulgava no *Anuário* o mesmo tipo de oferta.

mesma morada das *Méssageries de la Presse*. Deste modo, torna-se claro que a acusação feita pela *Imprensa Nova*, em 1923, não é desprovida de sentido e até de provas.

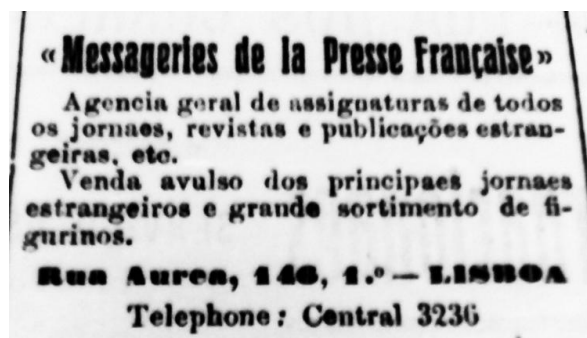


Imagem 3: *Anuário Comercial de Portugal*, 1919.



Imagem 4: *Anuário Comercial de Portugal*, 1921.

Pelos dados fornecidos pelo *Anuário*, percebemos que enquanto a *Radio* deixou de oferecer o seu serviço de anúncios em 1923, a *Méssageries de la Presse* continuou activa até 1926, com um interregno até 1933 quando volta a ser anunciada, na mesma secção, mas agora sediada na Praça dos Restauradores, nº 72, 3º direito, Lisboa. Desaparece completamente em 1936. Nesta mesma morada estava localizada igualmente uma outra empresa de Alejo Carrera, a *Sociedade Commercial Portuguesa de Publicações e Telegrafia, Lda*³².

No que respeita à *Radio*, enquanto serviço telegráfico, será listada, na secção respectiva, até 1933. No ano seguinte, passa a ser anunciada na secção de "Agências de publicidade"; em 1936 não consta no *Anuário* e reaparece, no mesmo segmento, em 1937, sendo este o último

³² De acordo com uma entrevista realizada a Alejo Carrera pela *Gaceta Literária*, a 1 de Novembro de 1928, no âmbito da Exposição do Livro Português, em Madrid, é dito: "Cuando se habla del libro peninsular o del libro extranjero, lo mismo que del periódico o de la revista, en Portugal, hay que referirse, necesariamente, a Alejo Carrera y a su organización comercial para la expansión del libro: la Sociedad Comercial Portuguesa de Publicaciones y telegrafía." De acordo com o que é escrito, a empresa de Alejo Carrera era responsável, na altura, pela venda de 90% das publicações estrangeiras em Portugal e 60% dos livros. Esta empresa aparece no *Anuário*, pela primeira vez, em 1924, apresentando na altura duas moradas: Rua Aurea, 146, 1º, Lisboa e Largo de S. Domingos, 11, Lisboa. Esta última era, igualmente, em 1924, a morada da *Agência Radio*.

ano em que tanto Alejo como as suas várias empresas são identificadas no *Anuário Comercial de Lisboa*³³.

Na verdade, embora pareça permanecer activa como suposta agência telegráfica até 1933 e, depois, como agência de publicidade, até 1937, o ocorrido em 1925 teve consequências claras para o relacionamento da *Radio* com os jornais. Como podemos ver na Tabela 2 é neste ano que esta agência desaparece de *A Capital* e do *Diário de Lisboa*. O mesmo acontece com os outros jornais consultados. Assim, embora Carrera tenha acabado por reverter a sua expulsão e tenha voltado a Portugal no final de 1926³⁴ para retomar a sua vida jornalística e empresarial, a época de ouro da *Radio* tinha terminado.

Conclusão

Os dados reunidos permitem traçar, em linhas gerais, a história da *Agência Radio* em Portugal. No entanto, as informações, por vezes confusas ou mesmo contraditórias, não permitem aferir qual a sua verdadeira natureza.

As duas vezes em que a *Agence Radio* francesa se demarca da *Agência Radio* portuguesa parecem deixar claro que entre elas não havia qualquer relação. Assim sendo, a *Radio* não era uma sucursal de uma empresa estrangeira, mas sim uma empresa portuguesa, fundada e a actuar em Portugal. Sendo assim, que tipo de empresa era? Era uma verdadeira agência de notícias / agência telegráfica?

A forma como aparece mencionada no *Anuário Comercial* leva a crer que seria, de facto, uma agência noticiosa. Não obstante, não podemos esquecer que era o próprio Alejo que informava o *Anuário* do que deveria ser publicado, podendo, por isso, facilmente, distorcer ou “compor” a tipologia da sua agência...

Se era efectivamente uma agência de notícias, estamos perante a possibilidade desta ser verdadeiramente a primeira agência de notícias portuguesa – ainda que propriedade de um galego a residir em Lisboa. No entanto, as acusações de que Alejo Carrera foi alvo, o anúncio de serviços que fez distribuir, o facto de ter, através das empresas de que era proprietário, acesso à grande maioria das publicações estrangeiras, assim como a inexistência de dados que sugiram que possuía os meios necessários ao funcionamento de uma verdadeira agência, obrigam a considerar como mais viável a hipótese de que a *Radio* se tratava, meramente, de uma empresa que recebia os jornais estrangeiros e que depois distribuía, de forma isenta ou não, as notícias pelos jornais portugueses.

Independentemente da verdadeira natureza da *Agência Radio*, o peso do seu contributo na chegada e na disseminação de notícias internacionais aos jornais na primeira metade da década de 20 do século XX, incluindo as sobre a descoberta do túmulo de Tutankhamon, no Vale dos Reis, é indesmentível. E isso necessita de ser valorizado.

³³ A este desaparecimento poderá não ser alheio o facto de Alejo Carrera ter sido preso pela PIDE, entre 27 de Janeiro e 6 de Fevereiro de 1937, por suspeitas de ser comunista. Documento presente na Torre do Tombo: [PT/TT/PIDE/E/010/30/5875](http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4286357) (<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4286357>)

³⁴ Ver *El Heraldo Gallego* de 7 de Novembro de 1926.

Bibliografia

- BATISTA, J. (coord.) (2007): *Agências de notícias de Portugal*, Lisboa, Lusa – Agência de notícias de Portugal, SA.
- CRATO, N. (1992): *A Imprensa. Iniciação ao jornalismo e à comunicação social – I*, Lisboa, Editorial Presença.
- HAWASS, Z. (2006): *The golden king. The world of Tutankhamun*, Cairo/ New York, The American University in Cairo Press.
- LEMO, M. (2006): *Jornais diários portugueses do século XX: um dicionário*, Coimbra, Ariadne Editora.
- MIRANDA, P. (2005): *O jornalismo em Portugal. Elementos para a arqueologia de uma profissão (1865-1925)*, Tese de Doutoramento, Universidade de Évora.
- MIRANDA, P. (2014): "Agência de notícias." In ROLLO, Maria Fernanda, coord. *Dicionário de História da I República e do Republicanismo, Vol. I: A-E*, Lisboa, Assembleia da República: 37-40.
- PARAMÉS, J. (2013): *Sobroso. Baluarte histórico de Galicia (siglo XI)*, Vilasobroso.
- REEVES, N. (2000): *Ancient Egypt. The great discoveries. A year-by-year chronicle*, London, Thames & Hudson.
- SILVA, S. (2002): "Contributo para uma história das agências nacionais portuguesas". In <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-sonia-agencias-noticiosas-portugal.html> (4 de Dezembro de 2016).
- UNESCO (1953): *Les Agences télégraphiques d'information*. Paris, UNESCO. <<http://unesdoc.Unesco.org/images/0007/000734/073446eo.pdf>> (4 de Dezembro de 2016).